

Organização do Pensamento Popular Artesão do Alto do Moura

Everaldo Fernandes; Jorge Gama; Raí Rocha; Vilton de Andrade.
Universidade Federal de Pernambuco/CAA, everaldofernades.silva@gmail.com
Universidade Federal de Pernambuco/CAA, jorge.armando.gama@hotmail.com
Universidade Federal de Pernambuco/CAA, rai.henrique93@gmail.com
Universidade Federal de Pernambuco/CAA, vilton@outlook.com

Introdução

O presente estudo é resultado de uma pesquisa em andamento, mais precisamente, na fase da análise dos dados, após um caminho de construção coletiva envolvendo o professor pesquisador, estudantes da Licenciatura em Física, Química e os sujeitos artesãos do Alto do Moura. Essa investigação analítico-interpretativa acerca da organização do pensamento popular artesão brotou das vivências e das conversas intersubjetivas e grupais dos sujeitos artesãos que se constituem “intelectuais coletivos” (BOFF, C. 2015). Essa pesquisa objetiva compreender a construção de sentidos de vida e das visões de mundo, mediante as expressões orais, escritas e gestuais, que essa população historicamente subalternizada tem construído ao longo dos tempos e espaços.

Servindo-se da hermenêutica da suspeita sob as lentes dos estudos decoloniais, as observações, as entrevistas e os diários de campo foram tecidos com o intuito de compreender nos contextos da referida comunidade as visões de mundo e as formas discursivas que esses sujeitos artesãos têm se expressado e formatado suas histórias de vida, suas lutas políticas e suas afirmações identitárias. Ademais, entendemos que as cosmovisões por eles construídas, através das partilhas das experiências, das lições de vida e de suas dinâmicas criativas serão contribuintes para a dinamicidade e aprofundamento das concepções e práticas da Educação Popular. Essa pesquisa foca a sua atenção epistêmica acerca dos artefatos e modos de elaboração das imagens de mundo que os/as artesãos/ãs do Alto do Moura têm produzido ao longo dos tempos, dando-lhes razões e sentidos para os enfrentamentos, as invenções, as resistências e as novas leituras que o cotidiano impõe e demanda-lhes opiniões, posturas políticas e posicionamentos. Nestes termos, esses sujeitos reinventam seus modos de vida, de interatividade e de inteligir continuamente suas identidades, suas práticas artesãs e cidadãs.

Noutras palavras, buscamos interpretar a organização (recorrências e dinâmicas) do pensamento popular, as estruturas e versatilidades das leituras da vida e dos acontecimentos diuturnos que estas pessoas experimentam codividem e intervêm nas relações diárias de alcance subjetivo, comunitário, cultural e das políticas de identidade (MIGNOLO, 2011).

Metodologia

O desenho metodológico é construído a partir das possibilidades que a própria comunidade nos oferece: as rodas de conversa. Ademais, porque esse desenho de interlocução quebra o formato monológico, caracterizado pelos discursos expositivos por sujeitos escolarizados, debulhando as litâneas da convenção da educação formal com pretensões de certezas e de universalidade.

Numa perspectiva dialógica e decolonial, as rodas de conversa em que os próprios sujeitos produzem e socializam suas leituras de mundo são cenários possibilitadores de nossa investigação.

Os referenciais dos estudos decoloniais ajudam-nos, sobremaneira, através da hermenêutica da suspeita, caracterizada pela observação atenta dos discursos verbalizados, dos silêncios, das linguagens gestuais, dos modos e das formas da tessitura interpretativa que os próprios sujeitos conseguem organizar e materializar de diferentes maneiras e linguagens. Em se tratando de sujeitos artesãos, esta ferramenta interpretativa possibilita uma aproximação dos engenhos imaginativos, das imagens acerca da vida, dos episódios diários, dos acontecimentos impactantes e imprevisíveis que transcorrem em suas existências individual e social, bem como nas margens criativas da subjetividade artesã; sobremaneira, quando os aprendizados e reflexões dão-se no chão e no livro da vida e nas pressões das sobrevivências plurais exigitivas.

Como procedimento metodológico, utilizamos a bricolagem por possibilitar várias estratégias de coleta de dados como a observação participante, a análise fenomenológica das intersubjetividades, elementos do método historiográfico, a hermenêutica dos ditos populares e os entrelaçamentos das autobiografias e destas com as histórias locais, quando e onde o simbólico e o material estruturam-se numa dinâmica de cruzamentos de significados e sentidos.

Para tanto, utilizamos a observação participante, mediante acordo tácito entre pesquisadores e participantes, além das entrevistas semi-estruturadas, no intento de perseguir uma melhor compreensão das motivações reveladas e das construções socializadas. O espaço privilegiado é o das rodas de conversa onde as visões de mundo são postas em comum, tendo presente também os textos (versos) que estes sujeitos produzem e compartilham nestes encontros semanais. Estes são os instrumentos de coleta de dados. Para a análise dos dados obtidos, utilizamos como técnica, e não como método, a análise de conteúdo inspirada em Bardin (2004) e Vala (2001). Pois, essa técnica propõe-se não “estudar a língua ou o discurso em si mesmo, mas caracterizar as suas condições de produção” (Vala, 2001, p. 104).

Resultados e discussão

No intento de compreender as cosmovisões e as formas discursivas desses sujeitos do Alto do Moura, percebemos que as seguintes características, formas e desenhos narrativos, tendo presente suas condições de produção, engenhosamente políticas, para fazer valer seus discursos e formas de ser e de intervir no mundo. Vários aspectos e dimensões se cruzam: A) temporalidade exerce papel central, na qual o cotidiano e as histórias de vida sedimentam-se: noite e o dia, bem como o presente, o passado e futuro são cenários e sujeitos nessa comunidade. O cenário noturno traz a força e interveniência das tochas, das conversas em frente das casas sob o alcance do luminar da lua: as lições dos mais velhos são transmitidas às novas gerações, os medos de bichos e almas são atizados no imaginário das crianças e jovens. Nesse proscênio, as histórias de vida são narradas de modo a inspirar modos seguros de vida, de ser feliz e de agradar a Deus. Neste estamento, o afetivo, a obediência, o medo e os destinos são postos de modo imbricado, conforme a transmissão dos conselhos dos mais velhos; B) Outro traço dessa visão de mundo é a aproximação com a lógica da natureza. Esta tem o viés de servir como parâmetro para a aquisição da verdade, da segurança moral e dos ritmos do tempo em que o relógio não tem imperativo, mas a compreensão de ciclos menstrual, lunar, solar e telúrico; C) a religiosidade tem lugar de destaque nesse arcabouço compreensivo de mundo. Com bases em um Deus único, distante e castigador, a vida é organizada pela respeitabilidade da terra, sendo a argila uma terra sagrada, produtora de vida e de sentidos, sendo também desse modo que a lógica patriarcal é estruturada e alimentada. No entanto, as

mulheres são respeitadas pelo seu poder criativo e superador; D)O mundo das letras é parcialmente distante: admirado e desejado por um lado, enquanto produz valor e reconhecimento social; doutro lado, é produtor de envergonhamento e timidez, uma vez que o livro persistente é o da vida, do cotidiano e das trocas que abrangem os ensinamentos dos chás caseiros, dos dilemas vexatórios da convivência aos do manuseio sutil do barro; E)Outra característica ainda é o da superação, das resistências frente a cada desafio (im)posto. A mesma fé numa divindade amedrontadora também inspira e mobiliza forças criativas, realçando o alcance protetor de um Deus que não desampara os oprimidos. Ultrapassar os umbrais das dificuldades significa resistência, histórias a serem compartilhadas e forças retroalimentadoras desses sujeitos. O desenho discursivo caracteriza-se pelas associações entre experiências imediatas, visões de mundo, ensinamentos da vida e dos pais que se traduzem pelas narrativas, contendo discursos indiretos, improvisos, provérbios e contações de causos.

Conclusões

A presente pesquisa configura as visões de mundo latentes nas linguagens dos/as artesãos/as do Alto do Moura que comportam especificidades, contradições, sofrimentos silenciados, interinfluências, movimentos de resistência histórico-cultural e identitário. Entre outros diferenciais, consubstanciam-se o rural e o urbano, o religioso e existencial, a ancestralidade e a contemporaneidade, a presença dos turistas, das instituições e as influências dos/as artesãos/as mais velhos que evocam as tradições. A partir desse horizonte, os discursos são gerados e ressignificados através das artes, das falas, dos contos e dos provérbios populares, sendo a *associação* a forma chave de compor, circular e fazer valer os seus discursos nos vários âmbitos e setores da vida. Por fim, a compreensão de que os aspectos e dimensões (visão de mundo e discursos) desses sujeitos sociais são fundamentais para releituras das bases teórico-práticas da Educação Popular.

Palavras-Chave: Pensamento Artesão – Visões de Mundo – Educação Popular.

Referências

- BARDIN. Laurence. **Análise de Discurso**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BOFF, Clodovis. **Como Trabalhar com o Povo e com os Excluídos**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MIGNOLO, Walter. **Historias Locales/diseños Globales**. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Sevilla: Publidisa S/A, 2011.
- VALA, Jorge. **A Análise de Conteúdo**. In SILVA, Augusto Santos e PINTO (orgs.), José Madureira. Metodologia das Ciências Sociais. Porto Alegre: Afrontamento, 2001. P. 101-128.